



Formas primitivas dos Indianos: 1 Trama, 2 Novelo, 3 Cesto, 4 Agulha, 5 Faca, 6 Pente, 7 Fóle, 8 Apetrecho de pesca, 9 Dardo, 10 Apetrecho de pesca, 11 Flexa, 12 Bornal, 13 Facão, 14 Faca, 15 Tacape, 16 Peitoral, 17 Colar com adornos, 18 Apetrecho de música, 19 Recipiente, 20 Caixa, 21 Cesta, 22 Esteira, 23 Travesseiro, 24 Banco, 25 Vaso, 26 Anzol, 27 Gamela

Formas

A humanidade cria as arquiteturas, o tempo as destrói e quando não consegue destruí-las, caruncha-as, aruina-as e as soterra; quando é benigno, envelhece-as. A humanidade que pretende progredir é envolvida no processo do tempo, julga antigos os edifícios de ôntem e ergue outros, com outras formas, outras idéias e nunca se satisfaz de inventar.

Há vinte ou trinta séculos, o tempo devia ser algo mais calmo e a humanidade, uma turba serena ondulante à cauda de quimeras; a arquitetura modificava-se lentamente. Depois, entrou na moda o arco, que desferiu um golpe de esquerda às colunas e aconteceu a revolução; posteriormente, do Norte, ensinaram a edificar as flechas; voltou-se a seguir, valentemente, às colunas; logo, sobreveio a enxurrada das volutas e do arbitrário; ocorreu, depois, nova matança de colunas; e agora desabrocha uma arquitetura que, mal nasceu, já pretende ser a mandante, suplantar as mães, avós e bisavós.

O tempo, agora, vôa mais lépido e a humanidade empenhou-se em abreviá-lo multiplicando seus meios de locomoção, tornando expeditas ao máximos, as máquinas de que se serve durante o dia; e todo esse conquistar o tempo não se perfaz para o gózo de porções de ócio suave, mas é recuperado para aumentar a ação para não sossegar, para obter a palma santa da insônia.

Quem prova com o íntimo da história de cada século pode confrontar — defrontando-se com precisa identidade — a arquitetura com os costumes: em outras palavras, um templo, um teatro, uma casa eram, no tempo de Péricles, o espelho das leis, da filosofia, da vida cotidiana; e no tempo de Napoleão, idem. No século XVII constrói-se tal como se atua, pensa-se tal como se constrói; Salvador Rosa escreve o epígrama contra Miguel Angelo e a pintura é precisamente o oposto do "Giudizio"; Borromini curva todas as linhas e a arquitetura usa fachadas contorcidas. Na época de Squarcione, num seráfico convergir de estudos e de pensamento sobre o classicismo, Mantegna pinta com o fundo dos tempos atenienses. Em suma, a arquitetura é a moral que toma forma.

Quem lamenta as formas antigas com comoção admirativa está fora de seu tempo, tal como os que lamentam as colunas e os timpanos; são preguiçosos que não sabem compreender que as formas evoluem.

As arquiteturas mudam de função; mas, embora mantendo o mesmo emprêgo, mudam a estrutura, o espírito; é o tempo que exige, dia após dia, a novidade. As fortalezas que, em mil e quinhentos Lorini autorizadamente aconselhava, eram imprescindíveis meio século depois.

Em arquitetura, nada pode durar. Todas as manhãs, dobrado à mesa, um engenheiro calcula uma estrutura que rouba ao

impossível outra falta de possível. A cúpula de São Pedro poderia fazer-se hoje três vezes maior e com a metade do material. Devorador, faminto, insaciável, o tempo morde as construções. Vedes, em nossa rua, uma casa de três anos apenas e já vos parece antiga, superada. A moda que reforma, e reelabora em cada estação, desempenha o seu papel nesta mutabilidade e a afeição às coisas sofre de inquietação. Deseja-se o novo, ama-se o novo; nem mesmo as linhas dos automóveis, dos navios e dos aviões conseguem durar; depois de um ano, já existe algo que muda, algo a acrescentar ou a eliminar.

A humanidade é céleste, não está serena, é agitada. Pedem aos edis uma obra harmônica, pausada, de ritmos ridentes, cumprida em meio à natureza e não sabem que o arquiteto não é capaz senão de expressar o próprio tempo.

Há cento e cinquenta ou duzentos anos, o arquiteto abarrotava uma saleta de biberões, espelhos, lâmpadas, como que para tornar mais mórbido e melífluo o ambiente; hoje, não; o arquiteto já não procede assim; parece absorto na intenção de reduzir tudo ao mínimo, ao mais leve, ao mais liso, mais mecânico, ao mais funcional possível, num furor arquitetônico.

Mas, esta adaptação ao mecânico, ao útil, ao racional, não nos conduzirá a certo desejo de decoração, de "inutilidade artística"? ZOROASTRO CUNHA